

O transnacional como vetor da análise sociológica: um levantamento da presença da escala global na produção nacional recente

The transnational as a vector of sociological analysis: a survey of the presence of the global scale in recent national production

Lo transnacional como vector de análisis sociológico: un levantamiento de la presencia de la escala global en la producción nacional reciente

Weslei Estradiote Rodrigues¹

ORCID: 0000-0003-2566-7517

Marcello Giovanni Pocai Stella²

ORCID:0000-0003-2420-0392

Resumo

Realizamos um levantamento extensivo da presença da dimensão transnacional na construção dos problemas e recortes em pesquisas sociológicas nas últimas décadas. Quer seja tratado como noção transversal e analítica, quer seja como mero atributo ou característica do objeto em questão, o levantamento aqui apresentado quantifica artigos (revistas nacionais de fator de impacto CAPES A1 e A2 para Sociologia) e teses e dissertações (Catálogo CAPES) que, de alguma forma, tenham considerado a dimensão transnacional dos fenômenos sociais na construção do enfoque entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2020, com especial atenção para os trabalhos relacionados com os temas da Sociologia da cultura. A intenção é realizar uma discussão sobre a relevância dessa escala de observação na agenda de pesquisa da disciplina, afinal, o fato de que determinadas práticas sociais são efetivadas por meio das fronteiras nacionais tem implicado de modo específico sobre as pesquisas em Ciências Sociais? Houve crescimento na presença e na relevância dessa esfera de análise nas pesquisas ao longo dos últimos anos? Bem como, houve alguma alteração significativa no interesse pelas implicações desse fator sobre os fenômenos analisados? Esse levantamento preliminar buscará ensaiar responder a essas questões e sugerir algumas interpretações.

Palavras-chave: transnacional; Sociologia da cultura; cientometria; escala analítica; transnacionalismo.

Abstract

In this article, we carry out an extensive survey of the presence of the transnational dimension in the construction of problems and perspectives in sociological research in recent decades. Whether treated as a transversal and analytical notion, or as a mere



¹ Doutor em Sociologia pela USP, foi pesquisador visitante do Centro de Investigações e Estudos Sociais do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL) e, desde 2016, é membro do Núcleo de Sociologia da Cultura da USP. E-mail: weslei.estradiote@gmail.com

² Doutor em Sociologia pela USP e, desde 2016, é membro do Núcleo de Sociologia da Cultura da USP. E-mail: marcello.stella1@gmail.com.

attribute or characteristic of the object in question, the survey presented here quantifies articles (National impact factor CAPES A1 and A2 magazines for sociology) and theses, and dissertations (CAPES Catalog) that have somehow considered the transnational dimension of social phenomena in the construction of the approach between the late 1990s and the beginning of the 2020s, with special attention to works related to the themes of the sociology of culture. The intention is to carry out a discussion about the relevance of this observation scale in the discipline's research agenda. After all, has the fact that certain social practices are carried out across national borders specifically implicated social science research? Has there been a growth in the presence and relevance of this sphere of analysis in research over the past few years? Has there been any significant change in interest in the implications of this factor for the phenomena analyzed? This preliminary survey will try to answer these questions and suggest some interpretations.

Keywords: transnational; sociology of culture; scientometrics; analytical scale; transnationalism

Resumen

En este artículo realizamos un extenso levantamiento por la presencia de la dimensión transnacional en la construcción de problemas y cortes en la investigación sociológica en las últimas décadas. Ya sea tratada como una noción transversal y analítica, ya sea como mero atributo o característica del objeto en cuestión, la investigación aquí presentada cuantifica artículos (revistas nacionales de factor de impacto CAPES A1 y A2 para sociología) y tesis y disertaciones (Catálogo CAPES) que han considerado de alguna manera la dimensión transnacional de los fenómenos sociales en la construcción del enfoque entre fines de la década de 1990 y principios de la de 2020, con especial atención a trabajos relacionados con temas de la sociología de la cultura. La intención es realizar una discusión sobre la relevancia de esta escala de observación en la agenda de investigación de la disciplina. Después de todo, ¿el hecho de que ciertas prácticas sociales se lleven a cabo a través de las fronteras nacionales ha implicado específicamente a la investigación en ciencias sociales? ¿Ha crecido la presencia y relevancia de este ámbito de análisis en la investigación en los últimos años? ¿Ha habido algún cambio significativo en el interés por las implicaciones de este factor sobre los fenómenos analizados? Este estudio preliminar intentará responder a estas preguntas y sugerir algunas interpretaciones.

Palabras clave: transnacional; sociología de la cultura; cienciometría; escala analítica; transnacionalismo

1. Introdução

Este trabalho tem como intuito apresentar e analisar os resultados obtidos a partir de um levantamento da presença da dimensão transnacional em publicações nas áreas das Ciências Sociais, com foco mais atento à Sociologia, nas últimas décadas. Rastreamos a presença dos termos “transnacional” e “transnacionalismo” em teses e dissertações desde meados da década

de 1990 até o início da década de 2020 (mais precisamente, até meados de 2021), bem como sua recorrência em artigos publicados nesse mesmo período em periódicos classificados com Qualis A1 e A2 pela CAPES no quadriênio de 2013-2016.

Seguindo esses critérios, foram identificados 141 trabalhos de mestrado ou doutorado e catalogados 186 artigos em periódicos nacionais que abordam a dimensão transnacional na pesquisa de modo central ou acessório, distribuídos em 33 periódicos analisados no total (dos quais 15 A1³ e 18 A2⁴)⁵.

A amostra, portanto, perfaz um total com 328 publicações. Foram excluídos do escopo os periódicos nacionais que, apesar de terem qualificação A1 ou A2 para Sociologia, segundo a CAPES, são dirigidos preferencialmente a alguma Ciência Social Aplicada (Turismo, Administração, Direito etc.) ou a alguma área da saúde (Saúde Coletiva, Psicologia etc.). Também foram excluídos todos os periódicos listados com Qualis A1 e A2 para Sociologia na plataforma Sucupira, mesmo que dedicados às Ciências Sociais, mas que são associados a instituições estrangeiras e publicados prioritariamente em outros idiomas. Apesar disso, foram mantidos na conta os artigos publicados em língua estrangeira presentes nos periódicos nacionais escrutinados.

Sobre a amostra de teses e dissertações, adotamos o banco institucional da CAPES por considerá-lo suficientemente representativo da produção nacional. Desse modo, como não procedemos um levantamento em cada agência de fomento estadual, alguns trabalhos extremamente relevantes do período considerado podem ter ficado de fora da amostra⁶, sem prejuízo, no entanto, para os efeitos estatísticos pretendidos.

O levantamento realizado e a construção desse universo amostral tiveram como intuito principal avaliar a presença e a relevância da *dimensão transnacional* nas pesquisas em Ciências Sociais, sobretudo em Sociologia, na elaboração das perguntas que orientaram os trabalhos

³ Que são: Tempo Social (USP), Sociologia e Antropologia (UFRJ), Cadernos CRH (UFBA), Metrópole (PUC-SP), Cadernos PAGU (Unicamp-SP), Civitas (PUC-RS), DADOS (UERJ), Educação e Sociedade (CEDES-Unicamp-SP), Horizontes Antropológicos (UFRGS), Lua Nova (CEDEC-SP), Mana (Museu Nacional-UFRJ), Revista Brasileira de Ciências Sociais (ANPOCS), Revista de Antropologia (USP), Sociedade e Estado (UnB) e Sociologias (UFRGS).

⁴ Que são: Cadernos CEDES (SP), Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas (RJ), Ciências Sociais Unisinos (RS), Contemporânea (UFSCar), Dilemas (UFRJ), Educação e Realidade (UFRGS), Estudos Feministas (UFSC), Novos Estudos CEBRAP (SP), Opinião Pública (SP), Religião e Sociedade (ISER-RJ), Revista Brasileira de Educação (ANPED), Revista Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), Revista Brasileira de Política Internacional (UnB), Revista Brasileira de Sociologia (SBS), Revista de Economia e Sociologia Rural (SOBER), Revista de História (USP), Trans/Form/Ação (Unesp Marília) e Vibrant (ABA).

⁵ É importante frisar que a Sociologia foi o filtro fundamental do recorte. Muito embora diversos dos periódicos escrutinados não sejam dedicados exclusivamente a ela, consideramos que são periódicos de impacto para a disciplina e que, mesmo que eventualmente alguns dos artigos contabilizados estejam mais próximos das abordagens de outras Ciências Sociais, ainda fazem um diálogo de fronteira relevante.

⁶ Já no banco de teses e dissertações da CAPES, filtramos a partir da categoria “área de conhecimento” somente trabalhos listados em Sociologia. É importante destacar que trabalhos anteriores à criação das plataformas CAPES e Sucupira não possuem seus resumos listados, fazendo com que muitos sejam excluídos do levantamento, caso não tenham no título da tese ou dissertação as palavras “transnacional” ou suas derivações.

e na construção dos recortes e enquadramentos dos objetos, procurando, concomitantemente, identificar se houve qualquer variação tendencial (crescente ou decrescente) desse fator ao longo do período considerado.

Esse levantamento é motivado pela percepção de que, pelo menos desde o início dos anos 2000, cresce nas Ciências Sociais o debate concernente ao papel das fronteiras no desempenho das abordagens metodológicas e na própria forma de definir e conceber os objetos, processos e dinâmicas analisados. Claro que muito antes desse momento a questão das fronteiras (entre grupos e regiões) era um tópico candente e clássico.

No entanto, o fenômeno que queremos assinalar é o da emergência de uma certa agenda de pesquisas caracterizada pela consideração constante dos efeitos práticos das fronteiras (ou, mais propriamente, de práticas que as superpõem e atravessam regularmente) sobre a realização e os resultados das pesquisas. Acoplada à multiplicação de metodologias que buscam dar conta de fenômenos transnacionalizados, esperávamos encontrar nos dados um crescimento equivalente de pesquisas atentas a essa dimensão dos fenômenos.

Sem apontar com exatidão a origem da emergência dessa agenda⁷, é possível atrelá-la à intensificação de fenômenos associados aos processos de globalização e de mundialização, onde os trânsitos e os deslocamentos de agentes sociais (forçados ou não) se intensificaram, concomitantemente ao (e, em parte, em função do) incremento das tecnologias de comunicação e transporte. Cada vez mais tornou-se mais notório que os fluxos de ideias, pessoas, informações e objetos interpuseram questões que transformaram decisivamente as maneiras de olharmos para os fenômenos sociais e interpretá-los⁸.

No campo dos estudos migratórios, por exemplo, pesquisadoras e pesquisadores como Nina Glick-Schiller, Peggy Levitt e Andreas Wimmer⁹ (Sapiro, 2020), desde meados da década de 1990 e, sobretudo, ao longo dos anos 2000, passaram a chamar a atenção para certas configurações migratórias que implicam em vinculações simultâneas dos agentes em dois ou mais

⁷ A breve revisão bibliográfica do trecho a seguir não tem o intuito de fazer uma discussão conceitual e teórica aprofundada, uma vez que serve apenas para assinalar como a abordagem transnacional tem aparecido de modo consistente e variado em debates referenciais.

⁸ Algo que está fora do alcance e das pretensões deste artigo, embora pareça promissor, é a possibilidade de analisar como a mobilidade acadêmica pode ter contribuído para a propagação dessa agenda no Brasil: convênios entre universidades, deslocamento de pesquisadores, trocas entre grupos de pesquisa, tudo isso, em alguma medida, pode ter impactado na emergência da construção de recortes transnacionais nas pesquisas em Sociologia no Brasil nas últimas décadas, tendo em vista o crescimento acentuado da internacionalização.

⁹ Glick-Schiller (2004), Levitt (2001) e Wimmer (2002) formularam e mobilizaram o conceito crítico de “nacionalismo metodológico”, caracterizado como a tendência a adotar apriorística e irrefletidamente nas pesquisas sociais os Estados e suas fronteiras como unidades de análise. Argumentaram que, em inúmeros casos, os fenômenos e as práticas não coincidem com e nem são contidos pelas fronteiras estatais. Alternativamente, baseados no conceito cunhado por Pierre Bourdieu (2002), sugerem a ideia de possíveis “campos sociais transnacionais”.

Estados-Nação. Ou seja, atentaram para o fato de que as trajetórias migrantes não podem ser compreendidas sob uma perspectiva de rompimento completo do vínculo com os contextos sociais de origem, e que criam, assim, modalidades de engajamento continuado e reiterado, seja através de remessas de produtos e dinheiro, retornos periódicos ou redes de engajamento.

Em direção similar, mas de modo mais espaçado, certas sociologias e historiografias da cultura também encamparam um evidente interesse pelas dimensões transnacionais da pesquisa em Ciências Humanas. Por parte da história, Christophe Charle (2018), em diálogo também com autores das “histórias conectadas” (Subrahmanyam, 1997), “histórias cruzadas” (Werner; Zimmerman, 2003) e teóricos da “transferência cultural” (Espagne, 2012), analisou os aspectos da circulação transnacional de companhias, peças, atores e atrizes de teatro na Europa do século XVIII ao final do XIX, procurando entender se os sentidos dessa dinâmica circulatória poderiam revelar qualquer espécie de relação de poder e dominância cultural entre os países no período analisado. Perceba-se que, nessas abordagens, o Estado não desaparece, mas é reposicionado. Percebido como realidade histórica contingente, emerge como um fator na composição das relações de poder estabelecidas no plano das circulações internacionais dos agentes.

Também por parte dessa linhagem sociológica, já em 1999, Pascale Casanova, com um ferramental bastante singular, atentou para as dinâmicas de circulação literária entre a metade do século XIX e meados do XX ao sugerir, a partir de seus achados, a ideia de uma “República Mundial das Letras”, que supunha um sistema literário mundial integrado que tinha Paris como seu centro reconhecido. Além de Casanova, é importante mencionar ainda Gisèle Sapiro, que retomou a temática e sumarizou o debate perguntando: “o campo é nacional?”; já Joseph Jurt (2014) fez uma análise semelhante, ressaltando que o recurso ao transnacionalismo não deve ser feito como se ele constituísse por si mesmo uma escala analítica superior, figurativa ou concretamente. Ou seja, a própria dimensão transnacional é uma construção a ser feita pelo analista, que deve demonstrar sua pertinência a partir das características de seu objeto e de sua ancoragem sócio-histórica.

No Brasil, as discussões com esse enfoque ganham notoriedade a partir dos trabalhos sobre a mundialização, realizados e publicados no início da década de 1990 por Octávio Ianni (1992) e Renato Ortiz (1994)¹⁰, ambos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) na época. Dali em diante, não só o assunto passa a ser um tópico relevante na agenda das Ciências

¹⁰ Ortiz realiza suas reflexões em diálogo com autores dos estudos culturais, como Néstor Garcia-Canclini, que refletem criticamente a respeito das relações de poder implicadas nos efeitos globalizantes sobre as práticas culturais. Seus argumentos são elaborados em resposta a autores como Immanuel Wallerstein (ideia de “sistema-mundo”, inspirado nos escritos de Fernand Braudel) e Anthony Giddens.

Sociais, como a atenção para a dimensão transnacional em diversos tipos de fenômenos e objetos abordados pela Sociologia passou a ser tida como um caminho frutífero.

Também na Unicamp, nesse mesmo período, por meio da Antropologia das Migrações, Bela Feldman-Bianco (1992) ajudou a construir as discussões sobre o transnacional (em diálogo direto com Glick-Schiller) a partir de suas pesquisas sobre a comunidade imigrante portuguesa nos Estados Unidos da América. Anos depois, seu orientando, Igor José de Renó Machado (2002), renovou as abordagens ao enquadrar o fenômeno da imigração de brasileiros para Portugal de um ponto de vistaêmico, discutindo fronteiras e mobilidades.

Desse modo, com esta pesquisa, buscamos avaliar a penetração e a incorporação da dimensão transnacional na Sociologia brasileira com uso de métodos cientométricos. Ou seja, adotamos as variações bibliométricas como indicadores sugestivos de transformações mais amplas do campo de produção de conhecimento abordado. Não se trata de um estudo exclusivamente qualitativo, mas que faz certo uso da quantificação para aprofundar a discussão e a análise qualitativa de mutações no campo da Sociologia. Ao desdobrar os dados, procuramos notar quando e como a preocupação com a escala transnacional dos fenômenos passou a integrar o debate nacional¹¹.

1. O “transnacional” nas teses e dissertações, dos anos 1990 ao presente

Ao procurarmos pelos termos “transnacional” e “transnacionalismo” no Catálogo de teses e dissertações da CAPES, para a primeira entrada obtivemos sem nenhum filtro 1.301 resultados, enquanto a segunda gerou 116 saídas. Quando filtramos por área de conhecimento e só retivemos trabalhos categorizados na Sociologia, a soma de resultados para os dois termos se reduziu para 141. Mas, antes de esmiuçar a amostra, embora não seja o objetivo do presente trabalho realizar uma análise substancial das teses e dissertações levantadas, devemos ponderar, como faz Sapiro (2020), que as duas noções evocadas são termos que merecem ser contextualizados e historicizados, conforme a sua incidência em diferentes configurações sociais e políticas.

A autora chega a pensar a noção de transnacional como um operador axiológico, filiado a outros como “civilização”, “internacional”, “cosmopolitismo” etc. Para Sapiro, um operador axiológico confere a sistemas de oposições culturais seu “sentido”, isto é, seu significado e orientação espacial. Tais operadores são eficazes na medida em que se tornam capazes de

¹¹ Apesar de desejável, devido à ausência de espaço e ao escopo delimitado para este artigo, optamos por não avançar em leituras aprofundadas dos artigos e teses coligidos. Não se trata de um artigo de revisão sistemática. Esta tarefa de aprofundamento sobre os usos do aporte transnacional e as implicações teórico-metodológicas que ele impõe, deve ser matéria a ser focada em outros trabalhos. Encorajamos vivamente novas empreitadas, as quais podem e devem realizar análises detidas dos usos, articulações e formulações originais.

unificar simbolicamente sistemas de classificação, hierarquias de valor e ordens institucionais heterogêneas. Desse modo, os operadores, ao dar sentidos e unificar simbolicamente arranjos sociopolíticos, econômicos e culturais, se tornam eles mesmos protagonistas nas lutas e disputas e em processos de aumento ou diminuição de autoridade simbólica.

Segue que cada operador axiológico pode se revestir de um significado positivo ou negativo a depender do contexto e do grupo socioeconômico-político que o está utilizando em relação a outro grupo. O que já foi sugerido, corroborado ainda por Sapiro (2020), é que nos anos 1990 a noção de transnacional emerge como um operador axiológico positivo nas Ciências Sociais e nas humanidades, contra o nacionalismo metodológico e a favor de um reenquadramento de fronteiras geográficas e culturais, assim como um incentivo a repensar a estabilidade de certas escalas analíticas naturalizadas.

A essa positividade inicial observada nos estudos sobre imigração e depois na teoria dos campos, no caso brasileiro em análise, principalmente quando observamos os títulos e temas de teses e dissertações em Sociologia da cultura mais especificamente ($n = 27$), notamos abordagens vinculadas a uma positivação e um olhar crítico e engajado sobre identidades, etnicidade, diásporas e cultura negra. Além disso, por ser uma área emergente e, assim, menos engessada em seus temas e institucionalização, notamos a presença de objetos de estudo dos mais variados na hierarquia simbólica de assuntos acadêmicos: juventude, ciganos, vinho e cerveja, música sertaneja e rap, artes plásticas, capoeira, jogos de videogame, editoras independentes etc.

Essa plasticidade da aplicação das noções de transnacional e transnacionalismo pode guardar relação com um segundo fenômeno. Para Sapiro (2019), é uma tendência corrente nas lutas simbólicas internacionais, que os países dominantes na economia mundial de bens simbólicos procurem amealhar pouco capital vinculado a teorias e a linguagens voltadas ao internacional, pois sua posição dominante no sistema garante que a mera acumulação de capital nacional mantenha sua dominação. Enquanto isso, países periféricos e, frequentemente suas frações de elite dominadas, recorrem à acumulação de capital ligada a linguagens e a teorias internacionais para se cacifar em relação aos dominantes e alçar nova posição.

Em outras palavras, sugerimos que o recurso a um enquadramento analítico que usa a noção de transnacional a partir do estudo de objetos que estão fora do topo da hierarquia de prestígio pode sinalizar, já de partida, a tentativa de legitimar tais objetos. Todavia, essa possibilidade de optar por um enquadramento trans(inter)nacional, como veremos, é desigualmente distribuída quando observamos os planos nacional e regional brasileiros.

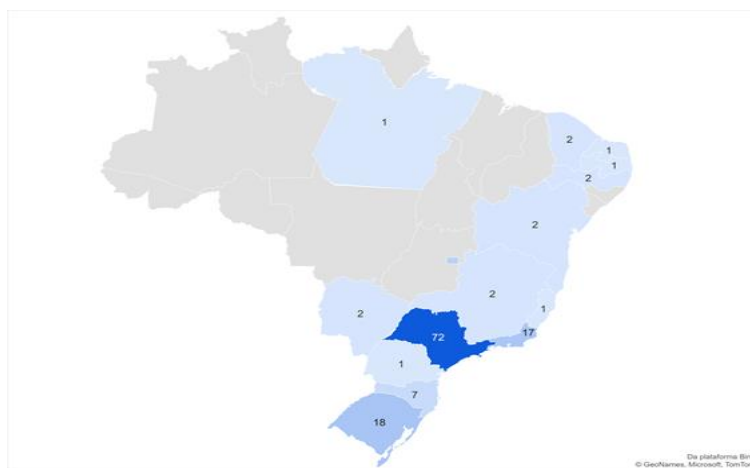
Além disso, não obrigatoriamente, mas frequentemente, pesquisas que se utilizam das noções de transnacional e transnacionalismo dependem da realização de estágios de pesquisa

no exterior, o que demanda uma categoria de financiamento específico e disponibilidade de tempo para visitas a arquivos estrangeiros, entrevistas aprofundadas, coleta de documentos e dados etc. Por fim, o conhecimento de mais de uma língua estrangeira por vezes é demandado e requisitado, o que pode significar um segundo óbice, de maneira que não estranha, por um lado, a forte presença de universidades públicas (federais e estaduais) dentre as que mais produziram teses e dissertações e têm acesso a bolsas sanduíches via agências federais e estaduais, e, por outro, a presença importante de universidades confessionais privadas, dada a morfologia social de seu público (a saber, normalmente jovens de classe média com acesso a viagens internacionais e domínio de um ou mais idiomas estrangeiros).

Partindo para as minúcias dos dados, temos de início que uma clivagem que parece menor do que as já indicadas é referente ao gênero de pesquisadores e pesquisadoras na amostra completa ($n = 141$): 52% foram produzidos por mulheres e o restante por homens. Já na Sociologia da cultura, a proporção se inverte de maneira um pouco mais evidente, temos 63% de homens para 37% de mulheres, indicando na área específica uma dominação masculina da produção.

Além disso, conforme já indicado, nos dois casos há uma importante disparidade regional de distribuição da produção, com dominância das regiões Sul e Sudeste entre as que mais geraram teses e dissertações no tema. Quando pensamos em todas as subáreas de Sociologia, temos o seguinte mapa:

Mapa 1 – Produção de teses e dissertações por UF ($n = 141$)



Fonte: elaboração própria com dados do levantamento realizado.

Como se pode notar, os 5 estados com maior produção são respectivamente: São Paulo - 72 (51%), Rio Grande do Sul - 18 (13%), Rio de Janeiro - 17 (12%), Distrito Federal - 12 (9%) e Santa Catarina - 7 (5%). Apenas 3 territórios perfazem mais de três quartos de toda a produção nacional no tema (76%).

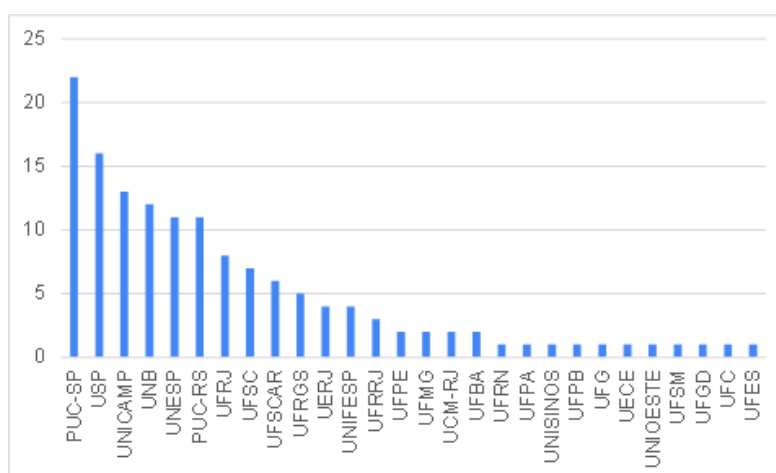
Em termos regionais, puxada pela soma da produção de Rio de Janeiro e São Paulo, a região Sudeste corresponde sozinha por 66% da produção brasileira, seguida pela região Sul, com 18%, Centro-Oeste, com 10%, Nordeste e Norte, respectivamente com 6% e 1%. Em Sociologia da cultura, a distribuição regional é praticamente a mesma, com uma queda significativa da presença do Rio Grande do Sul e da região Sul, por consequência no conjunto.

Mas, mais uma vez, São Paulo domina o panorama com 15 trabalhos (56% dos 27 apurados), seguido por Rio de Janeiro e Distrito Federal com 15% (4) e 11% (3), respectivamente. Em relação à Sociologia da cultura, o Sudeste aumenta sua hegemonia representando 74% (20) de toda a produção, seguido por Distrito Federal e Centro-Oeste, com 11% (3) para ambos e o Sul com 4% (1).

No que tange à distribuição de trabalhos por universidades, é possível notar o protagonismo das universidades confessionais privadas, as Pontifícias Universidades Católicas (PUC) de São Paulo e do Rio Grande do Sul, que somam mais de 30 teses e dissertações no tema, seguidas pelas principais universidades estaduais paulistas, Unicamp, Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual Paulista (Unesp), também com mais de 30 trabalhos quando somadas todas as suas produções.

Ainda, cabe um destaque para as universidades federais: primeiro para a Universidade de Brasília (UnB), depois Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), instituições que geraram 5 ou mais teses e dissertações que se valem das noções de transnacional e transnacionalismo.

Gráfico 1 – - Produção de teses e dissertações por Universidades (n = 141)



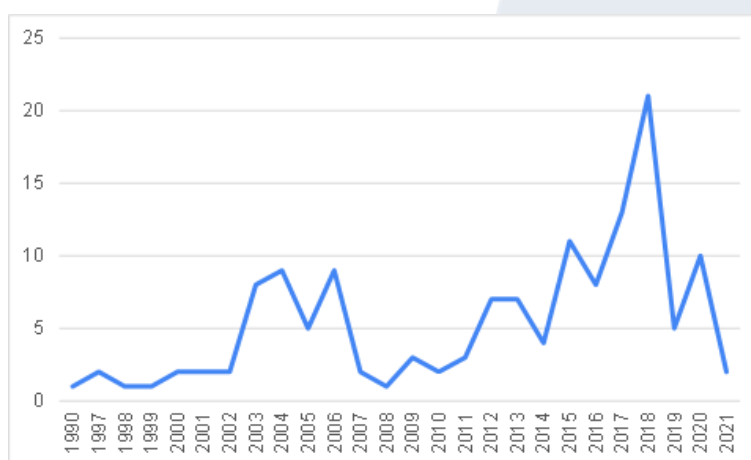
Fonte: elaboração própria com dados do levantamento realizado.

Ao atentarmos para as 27 pesquisas da área de Sociologia da cultura, os estabelecimentos privados confessionais cedem protagonismo às instituições públicas, e USP e Unesp passam para a primeira posição, com 4 trabalhos defendidos cada uma, seguidas por UnB, UFSCar e

UFRJ com 3 trabalhos cada, e a PUC-SP com 2. Somente esse grupo é responsável por três quartos (22 entre 27) da produção em Sociologia da cultura que se utiliza das noções em exame.

O restante das universidades com apenas um trabalho cada é composto por: Unicamp, UFSC, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Gráfico 2 – Produção de teses e dissertações por ano de defesa (n = 141)



Fonte: elaboração própria com dados do levantamento realizado.

No que toca as defesas anuais de pesquisas que se utilizam do enquadramento transnacional, podemos distinguir dois picos principais: o menor ocorreu entre os anos de 2003 e 2006, quando foram defendidos pelo menos 5 trabalhos anuais ligados à temática. Nessa primeira fase há uma concentração de produções nas estaduais paulistas, principalmente USP e Unesp, e na PUC-SP. Os temas estão conectados às primeiras agendas da noção de transnacional, a saber, economia, política e movimentos sociais, imigração e relações internacionais.

Já no segundo pico de produção, que começou em 2012 e teve seu auge em 2018, manteve-se o protagonismo das instituições paulistas, desta vez incluindo as federais e dentre as confessionais católicas, e São Paulo perde hegemonia para o Rio Grande do Sul. Assim, vemos uma pulverização de produções por todo o país em estabelecimentos federais e estaduais.

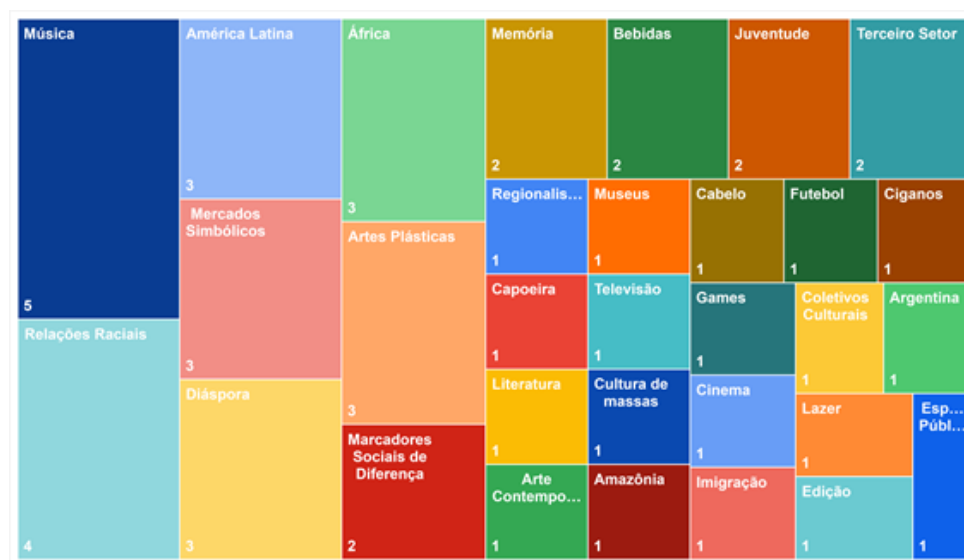
O mesmo movimento se dá em relação às temáticas e sociologias específicas, que passam a utilizar a noção como ferramenta heurística ou aporte para análises: aparecem trabalhos em Sociologia urbana, estudos de gênero, meio ambiente, violência, lazer, relações raciais, educação, religião, arte e cultura, e juventude. Todas essas agendas se somam às primeiras temáticas que permanecem hegemônicas e mais frequentes.

Gráfico 3 – Teses e dissertações por até 3 das principais áreas temáticas que abrangem (n = 141)



Fonte: elaboração própria com dados do levantamento realizado.

Gráfico 4 – Teses e dissertações em sociologia da cultura por até 2 principais objetos que abrangem (n = 27)



Fonte: elaboração própria com dados do levantamento realizado.

Como mencionado, a produção em Sociologia da cultura se encontra bastante dispersa. Ela viveu um pico de trabalhos defendidos entre 2018 e 2020, mas nas décadas de 2000 e 2010, respectivamente, gerou 10 e 12 pesquisas por decênio. Pesquisas tematizando música, relações raciais, América Latina e África, mercados simbólicos, diáspora e artes plásticas dominaram a

maioria do que foi feito, apontando para uma tendência do debate se acoplar a temas emergentes ou dominados na hierarquia de valores simbólicos da subárea (cf. Faria *et. al*, 2020)¹².

Apesar de música e artes visuais (plásticas) estarem entre os 5 objetos mais publicados em artigos da área de Sociologia da cultura, notamos que a vasta maioria de temáticas e de objetos que se utilizam da noção de transnacional se encontra fora do topo da hierarquia encontrada por Faria, Couto e Rodrigues.

Quanto à orientação, temos que pesquisadores com mais de um trabalho orientado correspondem a 18 de um total de 98 orientadores registrados, e foram responsáveis pela orientação de 61 trabalhos dos 141 levantados.

Gráfico 5 – Teses e dissertações por orientadores com 2 ou mais trabalhos orientados (n = 18)



Fonte: elaboração própria com dados do levantamento realizado.

Os professores com mais orientações e que parecem se dedicar há mais tempo à utilização do aporte transnacional em suas pesquisas são: Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida, cientista social formado pela Unicamp, com mestrado e doutorado realizados na mesma universidade, ambos sob orientação de Décio Saes. Teve em seu doutorado intitulado “Estado-nação e

¹² Segundo levantamento dos autores em periódicos A1 e A2 entre 2008 e 2018, as cinco temáticas mais abordadas em Sociologia da cultura foram: em primeiro lugar, representações nas artes, seguida de políticas culturais, profissão artística, circulação da cultura e consumo cultural. Entre os cinco objetos mais abordados, do primeiro ao quinto temos: cinema, literatura, mídia de massa, música e artes visuais.

ideologia nacional” a porta de entrada para o uso da noção de transnacionalidade, como se pode notar pelas palavras-chave de sua tese que incluem a noção de “transnacionalização do capitalismo”. Lúcio se tornou professor da PUC-São Paulo na década de 1980 e de seu trabalho nesta universidade destacam-se temas como teorias e ideologias políticas, lutas sociais, capitalismo, estado e lutas de classes, nacionalismo, imperialismo e relações internacionais, enquadrados segundo uma ideia de crítica ao nacionalismo metodológico.

Em segundo lugar, temos a pesquisadora Teresa Cristina Schneider Marques com 9 trabalhos orientados. Historiadora e cientista social, realizou mestrado em História na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e doutorado em Ciência Política pela UFRGS, com passagem pelo Institut d’Études Politiques de Paris, tendo por objeto nas duas ocasiões a trajetória de exilados brasileiros durante a ditadura militar. Sua tese, intitulada “Militância política e solidariedades transnacionais: a trajetória política dos exilados brasileiros no Chile e na França (1968-1979)”, contém no título e em suas palavras-chave a noção de transnacional. Em 2014, continuou sua trajetória acadêmica na PUC do Rio Grande do Sul (PUCRS) e lá deu continuidade à agenda de pesquisa de sua tese, ampliando os temas de seu interesse para militância e ativismo transnacional, migrações internacionais, transições políticas e política comparada.

Por sua vez, Valter Roberto Silvério, o terceiro professor com mais trabalhos orientados, cinco no total, é também o que mais orientou pesquisas na subárea de Sociologia da cultura. Formado em Ciências Sociais e Políticas, realizou seu mestrado na mesma área pela Unesp e doutorado pela Unicamp. Seu percurso de formação acadêmica se desenrolou principalmente entre as décadas de 1980 e 1990, tornando-se docente na UFSCar em 2000. Ali, Silvério deu seguimento às suas pesquisas na área temática de relações raciais, se voltando para os estudos pós-coloniais e temas como transnacionalismo negro, diáspora africana, educação, ação afirmativa e afro-brasileiros.

Por fim, os dois outros docentes com mais de duas orientações que se utilizam da noção de transnacional e transnacionalismo são José Lindomar Coelho Albuquerque e Vera da Silva Telles. Albuquerque é formado em Ciências Sociais, realizou todo seu percurso da graduação ao doutorado na Universidade Federal do Ceará (UFC) e sua tese se intitula “Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai”. É docente na Unifesp desde 2006, onde deu continuidade a uma agenda de pesquisa ligada aos temas da imigração.

Em contrapartida, Telles tem graduação em Ciências Sociais na USP, onde também realizou seu mestrado em Ciência Política e doutorado em Sociologia. Sua tese se intitula “Cidadania inexistente: incivilidade e pobreza. Um estudo sobre trabalho e família na grande São Paulo”. Desde 1988 atua como docente na USP, onde gradualmente estabeleceu uma agenda

de pesquisas que realiza uma interface entre diferentes sociologias específicas, como a Sociologia urbana, da violência e da imigração.

À exceção desses(as) docentes supramencionados, a maioria dos orientadores(as) possui somente um ou dois trabalhos defendidos, sugerindo que poucos(as) docentes têm se dedicado sistematicamente à utilização das noções de transnacional e transnacionalismo, fazendo delas aparições episódicas em sua atividade acadêmica.

Vejamos os títulos das principais teses e dissertações em Sociologia da cultura apuradas em nosso levantamento a fim de retomarmos a ideia de que, nesta subárea, as noções de transnacional e transnacionalismo mostram-se como operadores axiológicos, que além de seu valor positivo vinculado à crítica ao nacionalismo metodológico, tal como apontado por Sapiro (2020), possuem uma segunda ordem de positivação em sua entrada no contexto brasileiro, a saber, a legitimação de objetos e temas de pesquisas emergentes posicionados na base da hierarquia de prestígio.

Quadro 1 - 27 teses e dissertações em Sociologia da Cultura

Título Do Trabalho	Nome Do/Da Autor/Autora
A Bricolagem e a Magia das Imagens em Movimento: o Transnacional no Cinema Moustapha Alassane	Cristina Dos Santos Ferreira
Juventudes Transfronteiriças: (Re)Existência Cultural e Transnacional de um Coletivo Angolano em São Paulo	Maria Claudia Santanna De Paiva
Juventude Imigrante: Estigma, Conflito e Circuito de Lazer na Cidade de São Paulo	Bruno Rafael De Matos Pires
Uma Nação à Paulista. Nacionalismo e Regionalismo em São Paulo (1916-1929)	Cássia Chrispiniano Adduci
Transações e Transições na Arte Contemporânea: Mediação e Geopolítica nas Bienais de São Paulo (1978-1983)	Talisson Melo De Souza
Outros Territórios da Cumbia: Consolidação da Cumbia Peruana como Gênero de Música Popular	Bibiana Soyaux De Almeida Rosa
O Espaço Público na Comunicação Local e Regional: a Televisão a Cabo Black Pau: a Soul Music no Brasil nos Anos 1970	Zarcillo Rodrigues Barbosa
Girafas e Bonsais: Editores “Independentes” na Argentina e no Brasil (1991-2015)	Carlos Eduardo Amaral De Paiva
O sentido da comunicação: o significado da inserção de Ongs em Redes Eletrônicas no Contexto da Cultura de Massa e das Organizações Institucionais	Jose De Souza Muniz Junior
Geração Playstation: Jogos de Futebol em Ambientes Virtuais e Jovens Brasileiros que torcem por Clubes Estrangeiros	Samira Feldman Marzochi
Economia e Cultura da Cerveja: uma “Paixão Nacional” nos Fluxos do Mercado Global	Romero Jasku Bastos
Economia Global e a “Americanização” da Cultura Latino-Americana	Matheus Da Costa Lavinsky
Comunicação e Movimento na Poética do Compositor Chico César: os Usos da Diáspora Africana na Música Negra no Brasil	João Migliori Neto
O Circuito-Cena E.Music de João Pessoa: Dinâmicas Locais de uma Cultura Jovem Global	Dener Santos Silvera
A Economia Simbólica da Cultura Popular Sertanejo-Nordestina	Pedro Tadeu Faria D'allevodo
O Museu Escolar do Ceap: Reflexões Sobre a Prática Museal e a Relação entre Memória e História	Elder Patrick Maia Alves
	Leonardo Borcioni

O Vinho na Era da Técnica e da Informação: um estudo sobre Brasil e Argentina	Miriam De Aguiar Barbosa
A Amazônia e o Pacífico em Euclides da Cunha: no centro da história?	Ieda Valquíria Magalhães Ramon
Holocausto, Memória e Identidade Social: a Experiência da Fundação Shoah	Katia Lerner
Cabelo importa: os Significados do Cabelo Crespo/Cacheado para Mulheres Negras que passaram pela transição capilar	Anita Maria Pequeno Soares
Brasileiros Nos Estados Unidos: Capoeira E Identidades Transnacionais	Daniel Granada Da Silva Ferreira
Transnacionalismo e etnicidade: a Construção Simbólica do Romanezhán (Nação Cigana)	Dimitri Fazito De Almeida Rezende
Corpo, Transnacionalismo Negro e as Políticas de Patrimonialização: as Práticas Expressivas Culturais Negras e o Circuito Afro-Diaspórico	Karina Almeida De Sousa
Antes Da República, sob o Olhar do Império: a Produção do Modo de Vida e Invenção de uma Territorialidade Diáspórica: o Caso Frutal/Uberaba (MG)	Jose Ricardo Marques Dos Santos
Diáspora africana: por uma Crítica Transnacional da Política Cultural Negra	Caue Gomes Flor
Modernos arcaísmos: arte e nação no Brasil e em Portugal no final do século XIX pelas obras dos pintores Almeida Júnior e José Malhoa	Weslei Estradiote Rodrigues

Fonte: elaboração própria com dados do levantamento realizado.

Como apontado, os títulos das teses e dissertações em Sociologia da cultura apontam para uma positivação de noções como crítica transnacional, transnacionalismo negro, transnacionalismo e etnicidade, identidades transnacionais, (re)existência cultural e transnacional. As palavras que se associam ao uso da noção de transnacional e transnacionalismo aproximam os termos de áreas temáticas, objetos e problemas sociais que os ampliam ao também alargar o próprio uso das noções para além das subáreas que emergiram, notadamente imigração, economia e política. Também vale ressaltar o protagonismo da América Latina e do continente africano como temas de intersecção, o que mostra por parte dos pesquisadores a busca por compreender e construir outras geografias e geopolíticas, para além da estadunidense e eurocêntrica¹³.

Embora para muitos(as) docentes a agenda de pesquisas que explora as noções em exame como eixos de pesquisa ainda esteja longe de ser constante, observa-se que no caso brasileiro, além da crítica original ao nacionalismo metodológico, há uma segunda camada de leitura que indica que os estudos transnacionais, sobretudo em Sociologia da cultura, se aco- plam a temas emergentes e em vias de legitimação, para os alçar na hierarquia de objetos e temas da subárea, via empréstimo de capital simbólico vinculado ao polo da ciência global. Todavia, este acesso é desigualmente distribuído no território nacional/regional, com concen- tração de teses e dissertações no Sul e Sudeste, dado que reforça a importância de uma percep- ção de que as diversas fronteiras, em suas diversas escalas, são sempre instáveis, estando em permanente disputa e tensão. Assim, se faz necessário nunca as naturalizar e sempre colocar em questão seus contextos sociopolíticos, econômicos e históricos a cada momento.

¹³ É possível especular que esse crescimento seja derivado do fortalecimento das relações e trânsitos do sul global. A esse respeito, ver Cesarino (2014). Agradecemos ao parecerista pelo apontamento desta hipótese.

Por fim, muito embora não seja o objetivo e esteja fora do escopo do presente artigo, pode-se notar, a partir das teses e dissertações, bem como, das produções dos orientadores, que o recurso a noção de transnacional e transnacionalismo, no conjunto da produção identificada, realiza uma crítica à noção de globalização e a seu apanágio de um mundo que surgiria e se consolidaria borrando fronteiras e tornando livre de constrições a circulação de bens materiais e simbólicos, pessoas etc.

O que os pesquisadores(as) brasileiros identificam, ao contrário da tese *mainstream* da homogeneização globalizante, são pessoas e objetos em constante luta por formular e reformular sentidos e significados à medida que atravessam múltiplas fronteiras, e que muitas vezes, ao atravessá-las, acabam sendo barrados ou interpelados por outros arranjos fronteiriços (físicos ou simbólicos) inesperados.

2. O “transnacional” nos artigos de revistas brasileiras Qualis A para Sociologia, dos anos 1990 a 2021

Por parte dos periódicos, o procedimento foi duplo. Em primeiro lugar, o filtro foi estabelecido na Plataforma Sucupira a partir da nota Qualis (2013-2016) atribuída a eles pela avaliação trienal da CAPES, disponível no momento do levantamento (2021-2022). A primeira etapa do procedimento listou todos os periódicos cadastrados na plataforma e classificados com nota A para trabalhos de Sociologia e, a partir dessa listagem, decidimos excluir os periódicos estrangeiros e aqueles cujas áreas disciplinares prioritárias não são pertinentes às Ciências Sociais. Esses critérios foram adotados com o intuito de produzir uma amostragem final mais apurada, prioritariamente composta por artigos de Sociologia, complementada por alguns das áreas correlatas mais próximas¹⁴.

A segunda etapa de levantamento foi feita com cada um dos 33 periódicos selecionados, acessando os acervos e as bases de dados de cada um. Nessa etapa encontramos algumas dificuldades, dado que não há uniformidade no modo adotado por cada revista para organizá-los e disponibilizá-los. Os acervos consultados nesse levantamento referem-se tão somente àqueles disponibilizados nas plataformas virtuais e de livre consulta. É possível, portanto, que periódicos mais antigos não tenham tido parte de seu acervo contabilizada em função de não estar digitalizada.

¹⁴ Ou seja, foram aceitos na amostra artigos relacionados às outras duas componentes das Ciências Sociais: Antropologia e Ciência Política. Isso se deu porque boa parte das revistas selecionadas eram *multi* e transdisciplinares e, no caso das Ciências Sociais, é normalmente difícil delimitar e definir com precisão se um trabalho pertence a uma ou outra. Desse modo, para que não tivéssemos que selecionar com certa arbitrariedade o que era ou não Sociologia, todos os artigos pertencentes às revistas que atenderam os critérios anteriormente descritos foram considerados potencialmente válidos. De maneira similar, parte das teses e dissertações também são provenientes de programas de pós-graduação que não são exclusivamente de Sociologia.

A principal plataforma acessada para levantamento dos artigos foi a Scientific Electronic Library (SciELO), seguida pela Rede de Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal (Redalyc) e por sites e repositórios próprios, alimentados pelas próprias revistas consultadas. No caso dos periódicos que utilizam mais de uma base de dados, o levantamento foi feito em ambos e os resultados confrontados. Na maioria das vezes, os resultados coincidiram, mas mecanismos diferentes de buscas eventualmente produziram incongruências e os resultados foram, nesses casos, tomados como complementares. Em cada ferramenta de busca utilizamos o termo-chave “transnacional” devido ao seu potencial de tocar todos os resultados possíveis no escopo almejado: possui o prefixo “trans” e o radical “nacional”, o que contempla o conceito-chave buscado e seus derivados (“transnacionalismo”, “transnacionalidade” etc.).

Com esses critérios e procedimentos, foram tabulados 186 artigos em que o termo “transnacional” surge no título, no resumo, nas palavras-chave ou no corpo do texto (ou em mais de um desses locais), e todos foram inseridos em uma tabela e classificados quanto à área disciplinar e o campo temático nas Ciências Sociais. A partir dos dados brutos organizados, pudemos trabalhá-los segundo diversas espécies de critérios e marcadores.

O primeiro aspecto¹⁵ a se destacar é a distribuição temporal da produção, que se inicia, perceptivelmente, na década de 1990, concomitantemente à emergência dos debates sobre o transnacional como escala de observação e perspectiva de análise. No Brasil, no entanto, os artigos desse período (e o debate em torno dessa escala de análise) são marcados pelo tema da globalização em seus variados aspectos.

Um dos modos mais evidentes pelos quais o debate acerca do transnacionalismo é elaborado no Brasil é a “teoria da dependência”¹⁶, representada na amostra com o texto de Octávio Ianni, “A racialização do mundo” (1996), que discute questões raciais e sobre nacionalismo relativas às migrações associadas às transformações no mundo do trabalho, ocasionadas pela globalização do capitalismo. Além desse artigo, temos apenas mais dois, ambos publicados na revista *Mana*, do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Não queremos com isso afirmar que o interesse por fenômenos transnacionais tenha nascido nos anos 1990, já que sua origem é um tanto indefinida. Esteve presente de modo difuso

¹⁵ Também importa destacar a quase equânime distribuição de gênero na autoria dos artigos selecionados. Tal como nas teses, a relação de gênero pende ligeiramente para o masculino (52% dos autores e coautores). Sobre esse aspecto, devemos pontuar que as revistas especializadas em debates de gênero e feminismos foram determinantes na produção desse resultado, visto que a autoria é majoritariamente de mulheres. Os dois periódicos especializados (*Cadernos Pagu* e *Estudos Feministas*) forneceram 15% dos trabalhos de toda a amostra.

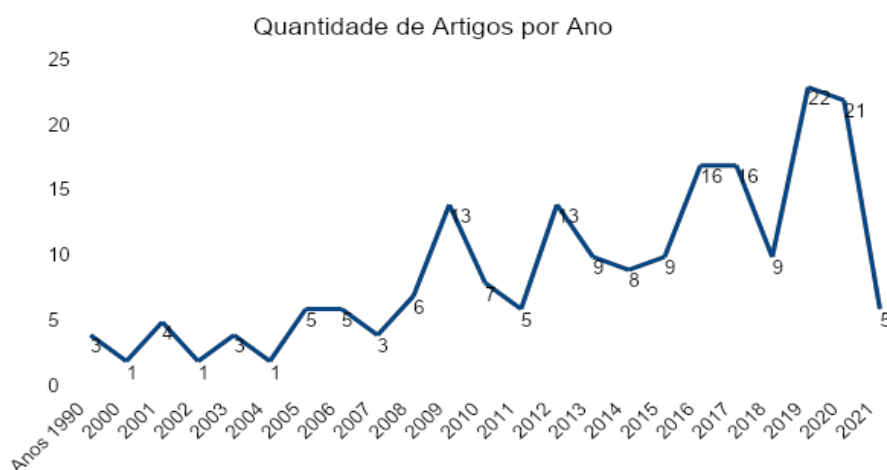
¹⁶ Vale pontuar que o compêndio “The Transnational Studies Reader”, organizado por Sanjeev Khagram e Peggy Levitt em 2008, que visava dar um panorama da abrangência e das abordagens perpassados pela perspectiva transnacional, situou a teoria da dependência como precursora do debate, incluindo um texto já clássico (1979) de Fernando Henrique e Enzo Faletto na primeira seção.

nas diversas teorias do sistema-mundo, nos teóricos da história global e, de modo abrangente, em toda historiografia que de algum modo posiciona o colonialismo no centro epistemológico de sua construção.

Em certa medida, toda a Sociologia histórica da expansão da modernidade e do capitalismo tem preocupações com a dimensão transnacional dos fenômenos que observa e analisa. Aqui, a questão a que chamamos atenção, no entanto, refere-se à emergência de uma atenção metodológica e de uma agenda de debates próprios, que buscam pensar os desafios que essa escala interpõe aos modos tradicionais de circunscrever a espacialidade dos fenômenos em pesquisa social.

Assim sendo, no universo amostral considerado, importa tecer considerações sobre a evolução da presença da noção e do enfoque transnacional ao longo do período recortado. E, a despeito de algumas oscilações, o que ficou perceptível foi o crescimento consistente da quantidade de artigos perpassados pela dimensão transnacional. Enquanto, como mencionado, ao longo dos anos 1990, foram contabilizados apenas 3 artigos nas bases digitais consultadas, nos anos 2000 já foram 42, com destaque para o final da década, quando o crescimento se torna explícito: 6 somente em 2008 e 13 em 2009.

Gráfico 6 – Evolução da quantidade de artigos por ano



Fonte: elaboração própria com dados do levantamento realizado.

Ademais, como é possível visualizar no Gráfico 6, a década de 2010, muito embora tenha oscilado ao registrar alguns anos com baixíssima produção do assunto, acabou consolidando o patamar elevado do final da década anterior, sustentando uma média superior a 11 artigos por ano. Mais uma vez, na segunda metade da década, registrou-se um aumento considerável e notório. Tanto em 2016 quanto em 2017 anotam-se 16 artigos, e em 2019 atingiu-se o pico de 22 trabalhos publicados contendo de algum modo a perspectiva transnacional.

Por fim, na década de 2020 o novo patamar parece se manter, dado que em seu primeiro ano registraram-se 21 trabalhos; enquanto 2021 é um ponto fora da curva e não pode ser abordado tendencialmente. Os meros 5 trabalhos foram incluídos a título de registro e respondem à produção publicada até no máximo junho, quando o levantamento foi finalizado¹⁷.

Desse modo, podemos notar que o volume da produção de artigos que levam em conta a dimensão transnacional seguiu uma evolução muito similar ao de teses (cujo pico registrado foi no ano de 2018), com uma tendência de crescimento acentuado desde o final da década de 2010. Ao que tudo indica, a discussão iniciada nos anos 1990 nos estudos sobre migrações ganhou corpo e se generalizou, passando a ser paulatinamente incorporada em outras áreas. Desde então, a busca por modos de abordar fenômenos que implicam simultaneamente dois ou mais países tem ganhado força como agenda de debate metodológico.

O espraioamento do interesse pela dimensão transnacional dos fenômenos sociais torna-se evidente quando separamos os artigos segundo suas temáticas de interesse. Cada artigo, sobretudo com base na terminologia contida em seus resumos e suas palavras-chave, teve designadas uma ou duas áreas temáticas principais. Desse modo, foram listadas mais de trinta áreas da seguinte maneira:



Fonte: elaboração própria com dados do levantamento realizado.

Diferentemente dos resultados encontrados para as teses e dissertações, entre os artigos do levantamento a temática das migrações segue à frente das demais como aquela que mais mobilizou a dimensão transnacional na construção analítica das pesquisas. A seguir, as pesquisas sobre movimentos sociais e gênero registraram números consideráveis, acima de 20, e, na

¹⁷ É importante considerar os possíveis efeitos negativos da pandemia da covid-19 sobre a produtividade desta temática em 2021.

sequência, cultura, violência, globalização e educação foram as grandes áreas temáticas de pesquisa que apresentaram resultados mais significativos.

Se considerarmos individualmente a evolução dessas principais temáticas, veremos que para áreas como migrações e globalização, a presença da noção segue curva similar à do gráfico geral, presente desde pelo menos o início dos anos 2000. Para áreas como a Sociologia da cultura, a presença da noção e da abordagem transnacional se concentra principalmente após meados da década de 2010.

Quanto à autoria considerada na amostra de artigos, vale destacar uma coincidência relevante: a pesquisadora e professora Teresa Cristina Schneider Marques, além de ser uma das que mais orientou teses e dissertações, também publicou 3 artigos aqui computados. Além dela, destacam-se Andrea Borges Leão (UFC), com 5 artigos, Edson Farias (UnB) e Carlos Benedito Martins (UnB), com quatro cada, e Livio Sansone da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com 3. No mais, são 20 pesquisadores e pesquisadoras com 2 artigos cada e os demais todos publicaram apenas um. É curioso notar que entre os 5 que mais publicaram artigos na amostra selecionada, 4 realizam pesquisas na área da cultura (Leão, Farias, Marques e Martins), dos quais 2 trabalham com Sociologia dos intelectuais¹⁸.

Detalhadamente, os artigos de algum modo relacionados à Sociologia da cultura representam cerca de 10% do universo amostral. Dos 18 trabalhos, 4 respondem à Sociologia da literatura e outros 4 à Sociologia dos intelectuais e pensamento social brasileiro. Os demais 10 artigos estão pulverizados entre sete áreas: Sociologia do patrimônio e da cultura popular, do consumo e da recepção e Sociologia das práticas editoriais e impressos são representados com 2 artigos cada. Já as Sociologias do cinema, das artes plásticas, da “indústria cultural” e dos arquivos e memória surgiram na amostra com apenas 1 artigo cada.

De modo geral, assim como nas teses, na maioria desses artigos, sobretudo quando se trata de Sociologia da cultura, a noção de transnacional é mais que apenas uma escala do enfoque, mas funciona como um “operador axiológico” (SAPIRO, 2020), unificando num mesmo sistema simbólico diferentes sistemas nacionais e destacando o plano em que se integram e se articulam. Dessa maneira, mobilizar a dimensão transnacional tem a virtude de explicitar os agentes que fomentam a constituição dos campos de práticas supranacionais e fazer pensar as

¹⁸ Importante assinalar que nenhum deles atua nas regiões com maior número total de produções (Sudeste e Sul), o que pode apontar para uma transformação gradual dessa distribuição aqui percebida.

relações de poder implicadas nesse processo, atravessadas pelas histórias nacionais e questões inerentes ao colonialismo¹⁹.

Considerações finais

O trabalho apresentou, por um lado, um levantamento quantitativo que apontou para a variação tendencial do interesse pela dimensão transnacional nas pesquisas em Ciências Sociais no Brasil desde os anos 1990 e, por outro, ofereceu subsídios para trabalhos futuros, sobretudo balanços temáticos. Tal como esperado, pudemos notar um crescimento da presença e da relevância da dimensão transnacional nos trabalhos da amostra.

Mais do que um simples levantamento bibliométrico, a proposta passou por extrair análises e conclusões dos dados que permitiram em alguma medida realizar uma análise do desenvolvimento da agenda de pesquisas, enquadramentos e recortes em Ciências Sociais, e em especial na Sociologia. Análises futuras de conteúdo desses trabalhos são possíveis desdobramentos que podem esmiuçar quanto cada área temática e campo disciplinar tem se integrado a essa agenda de pesquisa que é também, ela própria, transnacional.

No final das contas, acabou por ser também um tipo de levantamento preliminar que em diversos sentidos se aproximou de uma cientometria (HAYASHI, 2012; SILVA *et al.*, 2022). Ou seja, acabou por fornecer um vislumbre do campo da pesquisa sociológica (e diversas de suas clivagens) no que se refere à construção de aportes e de metodologias transnacionais nas últimas décadas. O levantamento quantitativo, as tabulações e os cruzamentos, respeitando sempre os mesmos filtros e critérios, foram importantes bases para uma análise crítica dos desdobramentos e das configurações da Sociologia brasileira, com alguma atenção dirigida para a Sociologia da cultura.

Assim sendo, vale destacar alguns apontamentos provisórios: em quase todos os trabalhos analisados, identificamos que a perspectiva transnacional tem como efeito a unificação analítica das práticas observadas sob as mesmas regras e lógicas. Esse tipo de enfoque é fundamental para a compreensão dos mecanismos da globalização e das dinâmicas contemporâneas (historicamente constituídas) de fluxos de pessoas, ideias e bens.

Por outro lado, é preciso pontuar que o uso crescente da escala transnacional na produção dos recortes não deve ser compreendido como uma espécie de “superação” do nacional enquanto atributo limitante. O transnacional não se constitui, portanto, na agenda de pesquisas,

¹⁹ Quando tratamos de alguma prática cultural (no caso de Sapiro, a Literatura), podemos pensar em termos de “áreas linguísticas”, em que os países falantes de um idioma comumente são tributários simbolicamente dos “centros linguísticos”: em geral, as antigas metrópoles. No caso dos estudos migratórios, os fluxos observados são também carregados desses atributos históricos e, muitas das vezes, relacionados às tais “áreas linguísticas”.

em oposição ao nacional. Trata-se de uma forma de enquadrar os fenômenos, ou de posicionar o ângulo de observação, mas que é inegavelmente permeado pelo nacional como um atributo que acompanha agentes e instituições, e conforma inclusive as hierarquias e as relações de poder no espaço social em que elas se dão.

Nesse sentido, os crescentes esforços e interesses pela dimensão transnacional observados no campo das Ciências Sociais brasileiras, sobretudo da Sociologia, em suas mais diversas áreas, são evidentes. Especificamente sobre a Sociologia da cultura, tanto nas teses quanto nos artigos, fica nítida a relevância e o crescimento da abordagem de dinâmicas transnacionais na agenda de pesquisas ao longo do período analisado. Em parte, isso reflete uma preocupação crescente com metodologias que deem conta de compreender e abranger fenômenos integrados numa lógica mundializada. Sob outro prisma, indica a complexificação das análises e das explicações, que passaram a considerar de modo simultâneo múltiplos fatores, agentes, escalas, espacialidades e temporalidades. Ao lado dos estudos migratórios, da violência e sobre gênero, hoje, a Sociologia da cultura é um dos principais estandartes das abordagens transnacionais e do desenvolvimento de metodologias abrangentes, capazes de integrar e articular de uma só vez uma quantidade grande de espaços e agentes.

Recebido em 19/07/2023

Aprovado em 23/03/2024

Publicado em 16/08/2024

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. As condições sociais da circulação internacional das idéias. *Enfoques*, v. 1, n. 1, p. IV-XV, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/article/view/12679/8870>. Acesso em: 09 set. 2021.

CASANOVA, Pascale. A República Mundial das Letras. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CESARINO, Letícia. Antropologia multissituada e a questão da escala: reflexões com base no estudo da cooperação sul-sul brasileira. *Horizontes Antropológicos*, v. 20, n. 41, p. 19-50, jan. 2014.

CHARLE, Christophe. História e histórias: para além de nações, comparações e fronteiras. In: *Homo historicus: reflexões sobre a história, os historiadores e as ciências sociais*. Porto Alegre/Rio de Janeiro: EdUFRGS/Editora FGV, 2018, pp. 189-210.

ESPAGNE, Michel. La notion de transfert culturel, *Revue Sciences/Lettres* [En ligne], n°1, 2013.



FARIAS, Edson, COUTO, B. G. do; RODRIGUES, T. (2021). A Sociologia da Cultura no Brasil em artigos (2008–2018). *BIB - Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais*, (92), 1-36.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Multiple Layers of Time and Space the construction of class ethnicity and nationalism among portuguese immigrants. In: GLICK SCHILLER, N. et. al. *Towards a Transnational Perspective on Migration. Race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*. Nova Iorque: New York Academy of Sciences, 1992. pp.145-174

GLICK-SCHILLER, Nina. Transnationality. In: NUGENT, David and VINCENT, Joan (eds.). *A Companion to the Anthropology of Politics*. Blackwell Publishing ltd., 2004, pp. 448-467.

HAYASHI, Maria C. P. I. Sociologia da ciência, bibliometria e cientometria: contribuições para a análise da produção científica. In: 4º Seminário de Epistemologia e Teorias da Educação, Campinas. Anais [...]. Campinas: Unicamp, 2012.

IANNI, Octávio. *A Sociedade Global*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1992.

JURT, Joseph. *Naciones Literarias: una sociología historica del campo literario*. Córdoba: Euvim, 2014.

KHAGRAM, Sanjeev e LEVITT, P. (Orgs.) *The Transnational Studies Reader: intersections and innovations*. Nova York: Routledge, 2008.

LEVITT, Peggy. Social Remittances: How Global Culture is Created Locally. In: *The Transnational Villagers*. Berkeley: University of California Press, 2001, pp. 54-69.

MACHADO, Igor J. R. Cárcere público: os estereótipos como prisão para os imigrantes brasileiros no Porto, Portugal. In: TEMÁTICAS. Unicamp, Campinas, v. 10, n.19/20, p. 120-152, 2002.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SAPIRO, Gisèle. A noção de campo de uma perspectiva transnacional: a teoria da diferenciação social sob o prisma da história global. *Plural*, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 233-265, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159917>. Acesso em: 9 set. 2021.

SAPIRO, Gisèle. The Transnational Literary Field between (Inter)-nationalism and Cosmopolitanism. *Journal of World Literature*, Brill, 2020, 5 (4), pp.481-504. DOI: 10.1163/24056480-00504002.

SILVA, Lucas; SOUZA, Roney; LIMA, Jacob C. A cientometria na caracterização do campo da Sociologia no Brasil. Considerações metodológicas, *Revista Brasileira de Sociologia*. Vol 10, No. 25, maio/ago. 2022, p. 5-35.

SUBRAHMANYAN, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, Vol. 31, No. 3, Special Issue (jul. 1997), pp. 735-762.

WERNER, Michael e ZIMMERMANN, Bénédicte. Penser l'histoire croisée: entre empirie et réflexivité. In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, n° 1, 2003, p. 7-36.

WIMMER, Andreas; GLICK-SCHILLER, Nina. Methodological Nationalism and Beyond. Nation-State Building, Migration and the SocialSciences. *Global Networks*, n. 2-4, 2002.